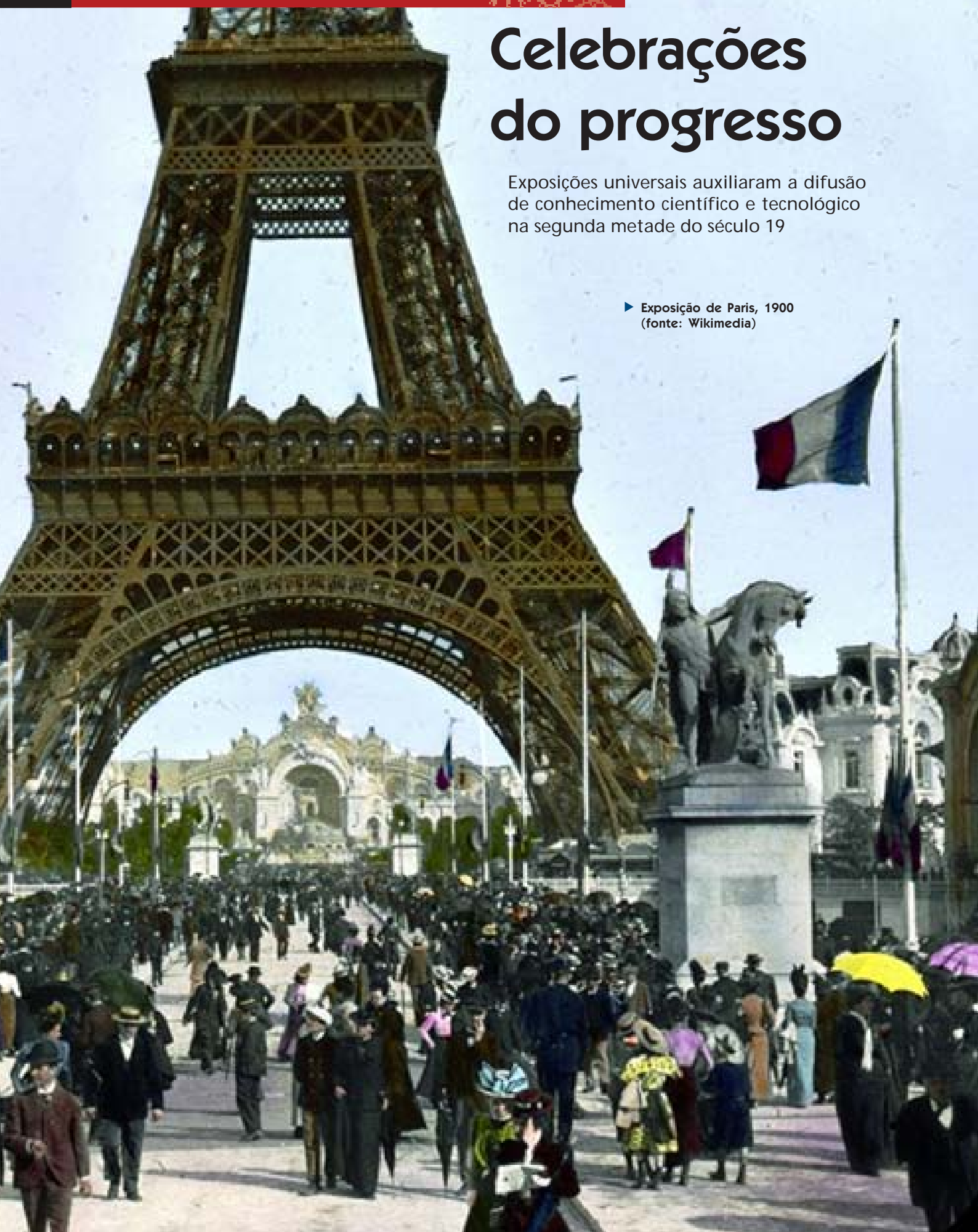




Celebrações do progresso

Exposições universais auxiliaram a difusão de conhecimento científico e tecnológico na segunda metade do século 19

► Exposição de Paris, 1900
(fonte: Wikimedia)





A partir de meados do século 19, o Brasil iniciou sua participação em exposições universais e internacionais que visavam

divulgar produtos e processos técnico-científicos. Como resultado, incorporou numerosas inovações trazidas a público por ocasião desses eventos. Mas como essas exposições nortearam o processo de expansão da ciência e tecnologia no país? Essa foi a temática escolhida pela socióloga e historiadora Cristina Araripe Ferreira em tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COCD/Fiocruz).

O estudo mostra como a noção de progresso se instaurou e se disseminou com rapidez e intensidade a partir do início da década de 1860, quando o Império do Brasil passou oficialmente a tomar parte das exposições. “No Brasil da segunda metade do século 19, as propostas de realização de exposições estiveram intimamente vinculadas ao projeto de modernização da sociedade que vinha sendo gestado pelas elites imperiais desde o início do Primeiro Reinado”, comenta a pesquisadora. “Espaços privilegiados onde figuravam produtos e processos técnico-científicos, as exposições foram chamadas de ‘celebrações do progresso’ por literatos, cronistas e jornalistas que as descreveram”.

Durante muito tempo, os estudos de história endossaram a ideia de que as atividades científicas e tecnológicas no período imperial foram esporádicas e pouco significativas do ponto de vista das mudanças econômicas ocorridas e da própria expansão da cultura. Entretanto, para Cristina, a disseminação das exposições universais como dispositivos técnico-científicos fornece uma pista valiosa sobre o sentido do progresso material que acompanhava o desenvolvimento da economia.

Segundo a autora, como reforça a historiografia brasileira, as exposições se encontravam atreladas ao projeto de modernização da sociedade idealizado pelo Estado Imperial – a noção



► Pavilhão do Brasil na exposição de Paris em 1889

de progresso, na época, era claramente valorizada pelas elites intelectuais e se encontrava presente em todas as esferas de produção, trabalho e vida social. “As exposições universais e internacionais se configuram como um tema único e privilegiado de pesquisa graças aos intensos debates que ainda hoje suscitam paixões, seja por causa das críticas às ‘utopias do progresso’ que a ciência e a tecnologia modernas vêm desde então semeando, seja em razão da ‘consciência histórica’ que cada um de nós tem acerca da noção de progresso”, explica.

As exposições, no entanto, não foram apenas instrumentos ou arcabouços para uma política mais ampla de modernização, industrialização ou progresso das sociedades, mas protagonistas centrais dentro da lógica das transformações sociais. “Enfatizando, cada vez mais, o papel eminentemente civilizador das sociedades europeias, as exposições ajudaram a disseminar

a visão geral de que todos esses países tinham alcançado um elevado grau de evolução das suas estruturas sociais, políticas e econômicas. Cabia, portanto, aos países periféricos, como Brasil, Estados Unidos da América, México e Argentina, entre outros, seguir os mesmos padrões culturais, artísticos, industriais, científicos e tecnológicos atingidos por Inglaterra, França, Bélgica, Países Baixos, Espanha ou ainda Itália”, elucida Cristina. “Na verdade, era a própria definição de ‘missão civilizadora’ que estava sendo construída: o que estava em jogo era a possibilidade de se alcançar ou não um estágio de civilização que poderia fazer a diferença em relação aos mais diversos objetivos traçados por governos, elites e grupos de poder”.

Um melhor entendimento sobre o processo de participação do Brasil nas exposições pode contribuir para a compreensão de como tal ação política foi importante – não apenas para explicar seu significado para o projeto de sociedade em curso, mas também para revelar o quanto elas tiveram uma repercussão positiva em relação às propostas de industrialização do país que começavam a surgir e ser colocadas em prática. “Destaca-se o arranjo socioinstitucional da ciência e da tecnologia que permitiu o surgimento e a consolidação de diversas experiências concretas no campo do desenvolvimento industrial. Este foi decisivo em função da necessidade de ampliação dos mercados consumidores e de incorporação do progresso técnico ao processo produtivo, mas também de promoção de uma cultura científica que deveria doravante perpassar toda a sociedade”, conclui Cristina.

www.librarycompany.org



► Pavilhão principal da exposição da Philadelphia em 1876